

# **Indivíduos em situação de rua no Centro Antigo de Salvador e o projeto "Comunidade da Trindade": referências emocionais a o aprofundamento de questões relativas à vulnerabilidade social**

“Avance de investigación en curso”

GT 08: Desigualdad, vulnerabilidad y exclusión social

Patrícia Carla Smith Galvão CRH / UFBA e UNEB<sup>1</sup>

Marieze Rosa Torres CRH / UFBA<sup>2</sup>

“Talvez ressoem nas conchas das palavras do total de cada um até aquelas escórias não escolhidas, murmurando fragmentos de vidas sempre adiadas...”. (Christoph Fikenscher, Correspondências, 2013)

## **RESUMO**

Salvador (Bahia) possui aproximadamente 3 milhões de habitantes, sendo apontada como terceiro maior município do Brasil em população. Ao longo do seu período histórico de formação e crescimento, sofreu intenso processo de transformações socioespaciais. Seu Centro Antigo é caracterizado pela ‘centralidade’ e pela desigualdade socioeconômica, mais recentemente agravada por projetos “de adequação” dos espaços urbanos. Neste sentido, fazem-se pertinentes estudos sobre as vulnerabilidades sociais encontradas naquela região da cidade, espaços de trânsito de homens e mulheres, alguns em situação de rua. Informações sobre a "Comunidade da Trindade" e depoimentos de indivíduos que participam desta iniciativa permitem compreender algumas das suas emoções prevalentes e estratégias para os enfrentamentos emocionais que permitem lidar com as dificuldades da vida.

Palavras-chave: vulnerabilidade social; população em situação de rua; emoções.

A cidade de São Salvador, capital baiana, possui aproximadamente 3 milhões de habitantes, sendo apontada como terceiro maior município do Brasil em população. Seu Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (2010) foi mensurado em 0,759, e considerado alto, embora se encontre distante de outras capitais e municípios, ocupando a 383<sup>a</sup> posição em relação aos 5.565 municípios Brasileiros (PNUD, 2013). Ao longo do seu período histórico de formação e crescimento, tem sido objeto de um intenso processo de transformações socioespaciais.

A cidade é dividida em duas: a Cidade Alta, cujo litoral, tradicionalmente, foi ocupado pelas classes média e alta, e o interior (miolo urbano) pelas classes pobres; e a Cidade Baixa, que

---

<sup>1</sup> **Patrícia Carla Smith Galvão** é Mestre em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social (UCSAL), Analista Universitária da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e vice-líder do Grupo de Pesquisa Cultura, Sociabilidades e Sensibilidades Urbanas (GP UFBA/CNPq), no âmbito do Centro de Recursos Humanos – CRH / FFCH / UFBA. [pagusmith@yahoo.com.br](mailto:pagusmith@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> **Marieze Rosa Torres** é Doutora em Ciências sociais, pesquisadora do CRH-FFCH/UFBA e líder do Grupo de Pesquisa Cultura, Sociabilidades e Sensibilidades Urbanas (GP UFBA/CNPq). [torresmarieze@hotmail.com](mailto:torresmarieze@hotmail.com)

situa a antiga área portuária da cidade e, mais ao noroeste, contornando a Baía de Todos os Santos em direção a Península Itapagipana, a área industrial e de veraneio, já também em processo de degradação, com seus manguezais hoje aterrados e urbanizados, ocupados por segmentos empobrecidos da classe trabalhadora.

Salvador é a cidade mais antiga do país, litorânea, de vocação turística, com área central (Pelourinho) que preserva grande conjunto arquitetônico colonial, integrante do Patrimônio Histórico da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e a Cultura. Entre as décadas de 60 e 70, este bairro passou por processo de progressiva decadência, sendo ocupado por pequenos comerciantes, prostitutas e moradores de cortiços. Após a década de 80, estabelecida como Patrimônio da Humanidade, o Estado passou a investir em sua recuperação, primeiramente com ações mais pontuais e, a partir de 1992, com um grande projeto de Revitalização do Centro Histórico de Salvador.

O processo de revitalização localizado no Centro Histórico, todavia, além de não se demonstrar sustentável ao longo do tempo, não impactou nas demais zonas que integram o Centro Antigo de Salvador - CAS, que desde a década de 50 vem sofrendo um processo complexo e multi-fatorial de “esvaziamento”, ocasionado pela descentralização de funções (administrativas, financeiras e comerciais) e o surgimento de novos fluxos de circulação em outras partes da cidade. O referido movimento tem origem no processo de industrialização na região periférica da cidade que possibilitou a criação do Centro Industrial Aratu (CIA - 1967) e do Complexo Petroquímico de Camaçari (COPEC - 1974). Somam-se a isto as transformações e o implemento do sistema de transporte rodoviário, com o surgimento de vias e estradas que passam a ligar as extensões mais periféricas da capital com as demais localidades do interior do Estado e fora dele; e também o deslocamento da sede institucional do governo do Estado (Secretaria de Governo e demais Secretarias) para a área mais recentemente urbanizada e afastada do seu centro, bem mais próxima aos novos acessos (Centro Administrativo da Bahia – CAB). (Azevedo e outros, 2001).

Estas transformações implicaram em que a população de Salvador reorientasse seu fluxo de circulação e acesso, no exercício de suas atividades diversas, criando inclusive outros centros comerciais, políticos e financeiros, modificando a sua estrutura interna e tornando-se, no dizer de Milton Santos (1995), uma *cidade excêntrica*. São mudanças que “estendem a especulação ao espaço maior da região e têm uma notável influência sobre a centralidade da cidade, visto o velho centro ter ficado excêntrico em relação aos novos acessos”, implicando também em que esta capital, através da sua população, venha a descobrir novas formas de relação com seu espaço (e nesse espaço), substituindo o seu antigo referencial, representado substancialmente pelo “seu contato com o mar, tanto em relação ao Recôncavo, tradicionalmente ligado à cidade por saveiros, quanto à navegação de grande distância [...]” (Azevedo e outros, 2001, p. 7).

Atualmente, o Centro Antigo de Salvador é ainda lugar de referência histórico-cultural, marcado pela ‘centralidade’ e, sobretudo, mais recentemente, pela desigualdade socioeconômica, com o agravante de ações e projetos “de adequação” dos espaços urbanos, objetivando a realização da Copa do Mundo.

Internamente, o Centro Antigo de Salvador tem uma grande diversidade de espaços, configuração urbana, estilo de arquitetura, tipos humanos, atividades, etc. Em sua parte histórica (o Pelourinho) o comércio formal e informal é voltado sobretudo para itens oferecidos aos turistas (roupas e comidas típicas, imagens de orixás, etc). É também lugar de moradia, resquícios de habitação popular ou informal, em ruínas ou prédios abandonados, ou de construções subsidiadas por programas governamentais. Os acessos e áreas adjacentes ao núcleo mais antigo e histórico, constituídos pelo maior número de bairros do CAS, caracterizam-se por

ser um local diversificado de habitação e de comércio, com predominância de núcleos de concentração a partir de suas especialidades: eletroeletrônicos, material de artesanato, roupas, bens alimentícios (na Feira de São Joaquim), entre outros.

Considerando que “cada lugar é, à sua maneira, o mundo. [...]. Mas também cada lugar, irrecusavelmente imerso numa comunhão com o mundo, torna-se exponencialmente diferente dos demais” (Santos, 2004, s.p) podemos afirmar que cada parte de determinado lugar compõe mosaicos singulares em cores, texturas, movimentos, conteúdos e arranjos geográficos, sociais e humanos, como um espaço vivenciado de forma diferente ao longo do dia e da noite, revelando faces da vulnerabilidade social. “Imagens” que se distanciam dos percursos e ideais de *cidade aprazível*, idealizadas pelos órgãos turísticos, escondendo “em gestos e discursos as paisagens de maior fragilidade arquitetônica ou humana, e tratam como vestígios as vulnerabilidades encontradas por todos os lados – lixo, roupas, restos de alimentos... - o que antecipa uma primeira forma de enfraquecimento: no plano das imagens e representações idealizadas omite-se o que não se quer ver” (Espinheira; Galvão; Lima, et.al, 2009, p. 114).

Essa configuração espacial complexa expressa a vulnerabilidade como “borrões” na paisagem urbana, na qual os sujeitos são vistos pelos olhares intervencionistas como “inadequados”, fora do contexto idealizado. Por este viés justificam-se as ações que levam ao ocultamento dos sujeitos e das suas condições de vida, comprometendo a própria eficácia das intervenções. Esta invisibilidade se expressa na precariedade do atendimento (na saúde, habitação, saneamento, segurança) dessa população, configurando-se como uma violência contra esses cidadãos, vistos como incômodo, aniquilando suas dignidades. A atuação da polícia no local, como representante do sistema de segurança estatal, expõe a face mais dramática desta realidade, ora quando se mantém como garantidor da ordem e da segurança, quase ‘exclusivamente’, dos visitantes do lugar, ora como prática da violência sobretudo contra os indivíduos cujo comportamento evidencia a vulnerabilidade que se quer ocultar.

Nessa população, os moradores de rua são justamente os mais vulneráveis. Pesquisa realizada em 71 cidades brasileiras com mais de 300 mil habitantes, entre agosto de 2007 e março 2008, constatou que 31.992 pessoas, com 18 anos ou mais de idade, vivem nas ruas, 10,3% dessas (3.289) encontram-se na capital baiana. Em 2013, segundo levantamento realizado pela Secretaria Municipal de Promoção Social e Combate à Pobreza (Semps), o número de moradores de rua em Salvador passou a 3.500 destacando-se a Cidade Baixa como a região que abriga o maior parte destes indivíduos. (Almeida, 2013).

O perfil traçado pelo referido levantamento, encontrou que a população em situação de rua em Salvador é composta majoritariamente de indivíduos do sexo masculino (75%) negros (50%) e pardos (30%), entre 25 e 44 anos, com baixo nível de escolaridade (40% não concluiu sequer o ensino fundamental), sendo 30% deles imigrantes. Entre os motivos que os levaram a viver na rua os informantes que participaram da pesquisa de 2013 apontaram o uso de substâncias psicoativas legais e ilegais (álcool e drogas (15%), o desemprego (10%) e os conflitos familiares (15%).

Tal pesquisa, cujo objetivo foi subsidiar “ações de acolhimento, promoção e inclusão social” voltadas esse segmento da população (Almeida, 2013), estabeleceu como prioridade os bairros do Centro Antigo que, como dito antes, reúne o maior número de indivíduos em situação de rua em Salvador. A fala do Secretário da pasta Municipal de Promoção Social e Combate à Pobreza, Maurício Trindade, oferece uma imagem das ações implementadas. Cita o Secretário, como demonstração dessas ações, que, “em três meses, cerca de 100 pessoas já foram retiradas da situação de rua em Salvador. Elas foram abordadas por assistentes sociais e aceitaram ser

ajudadas. Algumas foram encaminhadas aos albergues ou centros de tratamento para usuários de drogas. Já outros, para suas cidades de origem. (Almeida, 2013).

A Representante do Movimento Nacional da População em Situação de Rua, Maria Lúcia Pereira, tem uma percepção diferente a respeito. Na opinião de Maria Lúcia, o único albergue noturno disponível na cidade e os centros de apoio, não dispõem de uma estrutura adequada. "São locais com condições sub-humanas". A seu ver, o que unifica essas pessoas é a condição de vulnerabilidade, de pobreza, e o tratamento que elas recebem as discrimina e criminaliza pelo fato de "se abrigarem em determinado local da cidade". Essas pessoas, defende, "precisam de acolhimento, de um lugar digno para dormir, de acompanhamento psicológico, de capacitação profissional e não apenas de assistencialismo, que é o que está sendo feito". (Almeida, 2013).

Em situações extremas de vulnerabilidade, como a do abandono ou da fome, "uma relação assimétrica de correspondência de expectativas é estabelecida". Amputadas as possibilidades de realização, o *ser* não pode realizar-se como um projeto: "do indivíduo como projeto de si e para a sociedade; e da sociedade como um projeto de si mesma e para os indivíduos", na elaboração de "projetos singulares, socialmente construídos". "Quando esta correspondência se dilacera, ou quando não chega a se tramar, como tessitura social e cultural, os indivíduos se fragmentam, se pulverizam e a sociedade daí resultante é fraca, competitiva e desleal." (Espinheira, 2006).

Nascimento (2000, p. 67) ilustra os contornos desta situação e suas consequências, relacionando o aumento da desigualdade social e o desemprego, ao surgimento "de grupos sociais que não possuem acesso aos bens materiais e simbólicos, em particular, que não têm possibilidades de encontrar um lugar no mundo do trabalho, com repercussões não apenas na criação de grupos sociais pobres, mas também na autoestima dessas pessoas".

Na perspectiva individual, e na esfera do cotidiano, os problemas de exclusão ou marginalização demonstram-se de modo prático: não restam opções que não sejam as habitações precárias ou a rua como lugar de moradia, o abandono, atividades informais ou ilegais<sup>3</sup>. Dessas circunstâncias tem-se criado um ciclo não virtuoso de exploração e falta de oportunidades que se avoluma, a despeito do estabelecimento dos direitos dos cidadãos e dos amparos legais disponíveis ou das necessidades de reconhecimento dos sujeitos sociais.

A partir disto revela-se uma problemática, rica e complexa, que é da tendência à expulsão do mundo econômico (renda e consumo), antecedida à saída do mundo político e social (direitos, desigualdade social, à falta de oportunidades para o trabalho) de parcela representativa da nossa sociedade. Esta "nova exclusão social" fundamenta-se na relação entre grupos sociais distintos: uns que se tornam desnecessários economicamente, pois "perdem qualquer função produtiva, ou se inserem de forma marginal no processo produtivo, e passam a se constituir em um peso econômico para a sociedade (dos que trabalham e/ou têm renda) e para os governos", frente a outro que mantém sua condição e capacidade produtiva e de consumo sem ameaças. Em consequência, ocorrem transformações nas representações sociais dos indivíduos que não reúnem condições para a inserção econômica e social: "eles não são apenas objeto de discriminação social. Pouco a pouco, de forma homeopática, passam a ser percebidos como socialmente ameaçantes. Bandidos em potencial. Indivíduos perigosos" (Nascimento, 2000, p. 70).

---

<sup>3</sup> Em relação ao desempenho de atividades produtivas, é certo que existe uma relação entre aquilo que se projeta e a percepção das possibilidades de realização. Assim é que todo agente social se distancia ou se aproxima de atividades às quais mensuram ser-lhes possíveis, e quando em sua maioria não se reconhecem como indivíduos capazes de responder às exigências, por exemplo, do sistema educacional ou de atividades formais, quase sempre vinculados a elementos de ordem socioeconômica, que garantem ou não requisitos mínimos para a seleção daqueles que pretendem ter acesso aos níveis mais elevados de ensino e de trabalho, ou seja, a uma formação profissional.

Estudando indivíduos em situação de rua no centro de João Pessoa, capital da Paraíba, Anne Gabriele L. Sousa (2012) identificou com propriedade: “Existe na sociedade contemporânea um consenso pré-formulado acerca da inadequabilidade, da marginalidade, da subalternidade, da invisibilidade e da estigmatização que caracteriza indivíduos em situação de rua”. Segundo esta autora, estas circunstâncias se ancoram no fato dos indivíduos serem pertencentes ao nível mais baixo da estrutura de classes, com rebatimento na posição que ocupam no contexto da cidade, a partir de uma lógica excludente, divergentes dos papéis sociais, das condutas práticas estabelecidas e dos padrões estéticos “fundamentais para o reconhecimento e aceitabilidade social, [...], pois ‘ser de rua’, viver na rua, fazer desse lugar impuro, perverso e perigoso a sua casa, implica estar embebido desses elementos, que os demoralizam, indignificam e desumanizam”. (Sousa, 2012, sp).

A moradia, a alimentação, a saúde, o vestuário, entre outros componentes da sobrevivência, impõem-se em situações limites nas quais as possibilidades de ação dos indivíduos são mais amplas que aquelas contempladas pelas regras institucionalizadas e isso se dá por muitas razões, sendo uma delas o descompasso entre as possibilidades de produção e as demandas do presente; entre isolamento e contato do grupo; enfim, em decorrência de mudanças sociais sob a influência de fatores internos e externos (a escassez, o desemprego, a ausência de capitais e oportunidades).

### **A Comunidade da Trindade**

A Trindade é uma organização que presta atendimento à população de rua do Centro Antigo de Salvador. Fundada há treze anos pelo Monge católico Irmão Henrique Peregrino da Trindade, recusa o rótulo de entidade ou organização não governamental, considerando que a sua filosofia e ação se diferenciam do enquadramento dessas e adota para si o nome de Comunidade da Trindade. A Comunidade está localizada na Igreja da Ordem Terceira da Santíssima Trindade<sup>4</sup>, no bairro de Água de Meninos, na Cidade Baixa de Salvador. A Igreja é um equipamento antigo, instalado na aba da encosta de Salvador, que separa as cidades alta e baixa da capital soteropolitana.

Segundo informações do Instituto do Patrimônio Artístico Cultural da Bahia – IPAC (2002), o edifício que se encontra em estado de ruínas foi “prejudicado pela inserção de elementos não condizentes como lajes de concreto nas galerias. [...]. Possuía imagens da Santíssima Trindade, em madeira, N. S. dos Remédios e muitas outras de menor importância”, recolhidas por membros da Irmandade devido ao estado de deteriorização da edificação. Os novos moradores da Comunidade da Trindade promoveram pequenos restauros e no altar

---

<sup>4</sup> A Igreja da Ordem Terceira da Santíssima Trindade é datada do século 18, localizada na Água de Meninos. “Em 1733, a Irmandade do Rosário e Santíssima Trindade arrendou um terreno da paróquia de Santo Antônio Além do Carmo, para a construção de uma capela sob a invocação de N. S. do Rosário e Santíssima Trindade. Esse templo foi erguido na ladeira que dá acesso a Água de Meninos, acredita-se que ainda existem restos desta primeira construção. Em 1739, a Irmandade optou por construir uma igreja maior, no local atual. Em seu prospecto de 1800, Vilhena indica que ela era conhecida com Igreja do Rosário. [...]. Em 1806, uma bula do papa Pio VII, extinguiu a antiga Irmandade, criando, em seu lugar, a da Ordem 3ª da Santíssima Trindade e Redenção dos Captivos. Em 1877, a Ordem obteve da Presidência da Província a doação do cemitério do Bom Jesus e terrenos anexos. Em 1888, a Igreja foi consumida por um incêndio, restando as paredes externas”. O edifício possui três naves e sua fachada tem elementos em rococó e neoclássico”. As naves laterais são superpostas por galerias. Uma grande escadaria serve de acesso ao terraço em que está assentada a igreja. Construída originalmente com duas torres, perdeu uma delas com os desgastes arquitetônicos, restando a torre esquerda. (Igrejas da Bahia, Igreja da Ordem Terceira da Santíssima Trindade, acessível através de <http://www.igrejas-bahia.com/salvador/ss-trindade.htm>).

incluiram adornos, imagens e elementos religiosos reelaborados de acordo com as diversas crenças que caracterizam o sincretismo prevalente em Salvador.

A região tem uma dinâmica intensa, com grande movimentação de veículos, cargas e pessoas que frequentam os equipamentos nas proximidades: o porto de Salvador, a feira de São Joaquim, ou indo em direção a bairros populares e populosos, a exemplo da Calçada, Subúrbio Ferroviário, ou enquanto acesso ao Barbalho, Lapinha e Sto. Antônio Além do Carmo, este último, uma das localidades que compõe o Centro Histórico de Salvador. A avenida onde se localiza a Igreja da Trindade, Av. Jequitáia, configurando-se sobretudo 'enquanto lugar de passagem'.

Segunda afirma o seu fundador, a Comunidade da Trindade não é um trabalho ou projeto social, "a gente diz que a gente convive, a gente partilha a nossa casa" (Peregrino da Trindade, 2013). Para Pelegrino, as pessoas em situação de rua vivenciam um "movimento de ruptura profunda", sendo necessária a compreensão do sofrimento e dos 'recalques' dos diferentes indivíduos: "há pessoas aqui que moram há anos e nunca falaram de suas vidas e dos problemas que os levaram a estar na rua", sinalizando a complexidade e delicadeza do tema. (Peregrino da Trindade, 2013).

Experiência é o que não falta a Pelegrino, ele próprio viveu nas ruas e conviveu com moradores de rua por toda uma década, até que, há 13 anos atrás, encontrou uma igreja católica abandonada e quase em ruínas e fez dela o seu lugar de moradia obtendo posteriormente a permissão da Igreja. Começava aí a inspiração para a atual Comunidade que leva o nome de Trindade em homenagem a igreja que a acolheu. "Aqui não se julga, nem se estigmatiza" também não se aceita que se autoproclame como vítima de circunstâncias sem assumir sua parcela de responsabilidade. Em sua forma de ver, "a realidade [que ela o individual a ser morador de rua] é uma mistura das duas coisas...": causalidade externa e disposição interna do indivíduo para se por ou se aceitar em situação de rua. "[...] É nesta relação que se encontra o caminho das ruas" (Peregrino da Trindade, 2013). As referências dos moradores de rua, sugerem, na sua opinião, a necessidade de se ter um olhar mais amplo sobre a realidade vivenciada pelas pessoas, de forma que se possa compreender as complexas nuances envolvidas. Muitas vezes fazer o 'caminho de volta' ou trilhar um 'novo caminho' passa pelo 'resgate' das relações do passado.

Participam da Comunidade da Trindade 45 moradores fixos, além de um quantitativo de 50 a 60 pessoas em situação de rua que vêm aos cultos realizados nas 5as. Feiras e compartilham das refeições. O alimento é preparado pelos moradores, as refeições são feitas em grupo e a manutenção e a limpeza dos ambientes de convivência é compartilhada.

No entorno da Igreja da Trindade há um amplo espaço, um sítio, onde existem 20 casas, algumas que podem ser alugadas ou disponibilizadas para membros da Comunidade, os quais fazem uma de compromisso. Esses membros compõem o "Grupo da aliança", este se renova a cada ano, com uma espécie de voto: trata-se de um "grupo de pessoas comprometidas com a comunidade". Em janeiro se faz o voto que vale para todo o ano, espécie de "grupo gestor". O critério de candidatura para compor este grupo é morar na Trindade há pelo menos 2 anos, "é um compromisso de aliança". "Aqui a comunidade dá o exemplo, ajuda o governo a assumir suas funções, [...], temos autonomia, contamos apenas com voluntários (psiquiatra e psicólogo/terapeutas)". (Peregrino da Trindade, 2013).

Referindo-se a idade dos membros da Comunidade da Trindade, "pessoas mais velhas", Pelegrino sugere existir uma relação entre as experiências de sofrimento acumuladas ao longo da vida e a busca de alternativas para superação da situação de rua. Em que pese a ressalva, existe um projeto vinculado a Comunidade, voltado especificamente para o atendimento de jovens.

Este projeto conta com equipe formada por 7 educadores e ainda 2 terapeutas, atendendo a média de 50 a 60 pessoas por dia, num total de 1200 atendimentos por mês.

### **O Banquete**

A "dinâmica" da Comunidade está fundamentada em uma concepção filosófica que envolve o desejo de superação da situação de morador de rua e o compromisso pessoal e o envolvimento solidário com o outro. Os passos na direção da ruptura com a condição de morador de rua são denominados figurativamente de Banquete, aludindo a liberdade de escolha entre partilhar o alimento com outros, sentado em uma mesa, ou comer as migalhas que dela caem.

O Banquete compreende 5 passos de um processo contínuo, através do qual cada um dos seus membros ajuda e é ajudado a superar as suas dificuldades, a recuperar as forças, o ânimo, a autoestima, a saúde, abalados, e a conquistar a dignidade e autonomia.

O primeiro passo do Banquete é o do alimento – trata-se segundo o Irmão Henrique de saciar a fome, de alimentar, de compartilhar a refeição, e a medida em que se insira na comunidade, de participar do preparo do alimento, de servi-lo e de comer junto. Significa não mendigar por comida, não comer as sobras de outros.

Mas o alimento, ou melhor, a falta dele, a fome, tem uma dimensão complexa, muito bem lembrada por Freitas (2002), que envolve não apenas o corpo estrito senso, mas a subjetividade dos sujeitos. No relato de vários moradores de rua colhido pelo Jornal Aurora da Rua a busca pela comida consome boa parte do tempo, anda-se quilômetros, mapeia-se lugares; a satisfação é sempre provisória e a incerteza sempre presente.

O segundo passo diz respeito ao acolhimento dos recém chegados, a disposição de acolhê-lo independente de como ele está quando chega, de fazê-lo se sentir bem vindo e aceito, incluído. Se será um hospede ou um membro da Comunidade vai depender da sua disposição. Nos depoimentos de moradores de rua de Salvador são frequentes as suas referências ao olhar do outro. Vendo-se, através dele, como perigosos, sujos, preguiçosos, imprestáveis, indesejáveis, envergonham-se de si mesmos. Sentir-se acolhido representa uma esperança de inclusão afetiva de ligação emocional com o outro.

O terceiro passo é o cuidar – cuidar no sentido mais amplo, compreende o investimento de tempo, dar-se ao trabalho de acompanhar o morador de rua na regularização de sua documentação civil, no cuidado e/ou recuperação das suas condições de saúde, viabilizando o atendimento das suas necessidades junto ao Sistema Público de Saúde. Cuidar um do outro na necessidade, na doença, compartilhar o alimento, o ganho. É o oposto do abandono, do descaso, tão presentes na vida dos moradores de rua. Sentir que não está sozinho, que tem alguém que se preocupa com ele e para quem ele tem um significado, mas ele também passa a ter uma existência civil para além da Comunidade, agora tem documentos, tem carteira do Sistema Único de Saúde - SUS.

O quarto passo compreende a conquista do sustento via geração de renda. Na Comunidade os moradores de rua produzem pequenos quadros/ilustrações religiosas de madeira e cultivam flores e frutos para a venda, fazem a coleta e reciclagem de papelão além de venderem o jornal "Aurora da Rua". Há também casos em que eles se inserem no mercado formal de trabalho através de convênios da Entidade com empresas. O significado de ter um trabalho, de ser produtivo, tem repercussões profundas na vida dessas pessoas, representa, sobretudo, a conquista da "dignidade".

E então o último passo que é o da moradia e representa a ruptura com a situação de rua. Fica para trás o sentimento sempre tão real de insegurança, de dormir com “um olho aberto e

outro fechado”, do medo diante da possibilidade real de sofrer violência.

### Considerações finais

O percurso desse trabalho, ainda longe de ser concluído, não autoriza afirmações mais contundentes acerca das observações in loco, de entrevista com o fundador da Comunidade da Trindade e de depoimentos de indivíduos atendidos por esta iniciativa. Pode-se, no entanto, vislumbrar algumas emoções apenas tangenciadas ao longo do texto, acerca das emoções experimentadas pelas pessoas que vivem nas ruas soteropolitanas. Medo, insegurança, rejeição, sentimentos de inadequação, de apartamento do convívio familiar e social, impotência, são sentimentos comuns que estão presentes no dia a dia nas ruas.

Espera-se com o andamento da pesquisa poder oferecer mais elementos que permitam perceber como se constroem as subjetividades desses sujeitos, os códigos e as estratégias que informam a construção dos sentimentos e emoções.

### Referências

- Almeida, L. (2013, 22 de maio). Cidade Baixa abriga maior população de rua de Salvador. *A Tarde*, Salvador. Recuperado 8 de agosto de 2013, de <http://atarde.uol.com.br/bahia/salvador/materias/1505443-cidade-baixa-abriga-maior-populacao-de-rua-de-salvador>
- Azevedo, P.O. de; Berenstein, E., Cordiviola, A. R., Olmos, S. .A. (2001). *A cidade de Salvador da Bahia. Requalificação urbana e cultural da cidade: seminário internacional de projeto*. Universidade Federal da Bahia/Faculdade de Arquitetura e Instituto Universitário di Studi Superiori di Pavia/Università degli studi di Pavia, (pp. 2-16).
- Cunha, M. A. (2008). *No olho da rua*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Espinheira, G. (2006). *Bahia de Todos os Pobres II*. Projeto de Pesquisa. Centro de Recursos Humanos. Universidade Federal da Bahia [Originais].
- Espinheira G., Galvão P., Lima, D., Bahamonde N., Soares, A. M., Duplat, I., outros. (2009). *A dimensão social e o quadro de vulnerabilidades no Centro Antigo e Histórico de Salvador*, Relatório de Pesquisa, 182p. (originais).
- Fikenscher, C., Galvao, P. (2013). *Correspondências*. [Originais]
- Instituto do Patrimônio Artístico Cultural da Bahia - IPAC-BA. (2002). *Inventário de proteção do acervo cultural da Bahia, Bahia*, Secretaria de Cultura e Turismo, Cd-room.
- Koury, M. G. P. (2006). As Ciências Sociais das Emoções: um balanço. En. *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*. V. 5 (14/15. Ago/Dez), UFPB, João Pessoa, (pp. 128-146).
- Nascimento, E.P. do. (2000). Dos excluídos necessários aos excluídos desnecessários. En: Bursztyjn, M. (organizador). *No meio da rua – nômandes, excluídos e viradores*. Rio de Janeiro: Garamond, 2000. Cap.02, (pp. 56-87).
- Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD. (2013). *Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil*. Recuperado 12 de agosto de 2013, de [http://atlasbrasil.org.br/2013/o\\_atlas/o\\_atlas](http://atlasbrasil.org.br/2013/o_atlas/o_atlas)
- Sennett, R. (2008). *Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro: BestBolso.
- Santos, M. (1995). Centro e centralidade na cidade contemporânea. En GOMES, M. A. *Pelo Pelô; história, cultura e cidade*. Salvador: EDUFBA (pp.11-29).



Santos, M. (2004). O lugar e o cotidiano. En. Santos, M. *A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. Recuperado em 16 de setembro de 2005, de <http://old.gilbertogil.com.br/santos/texto.htm>.

Sousa, A. G. L. (2009). Sou feio, pobre, sujo e alcoólico: Emoções e sociabilidade dos moradores das ruas de João Pessoa – PB. En: *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 8 (23), (pp. 373-416). Recuperado em 05 de fevereiro de 2013, de <http://www.cchla.ufpb.br/rbse/AnneArt.pdf>

Sousa, A. G. L. (2012). A vida na rua e a produção de sentidos: definições identitárias entre indivíduos em situação de rua. *Anais do XV Encontro de Ciências Sociais do Norte e Nordeste e Pré-Alas Brasil*, UFPI, Teresina-Piauí. Recuperado em 05 de fevereiro de 2013, de <http://www.sinteseeventos.com.br/ciso/anaisxvciso/resumos/GT03-12.pdf>

Wacquant, L. J. D. (2003). Da América como utopia às avessas. En. BOURDIEU, Pierre. (Org.). *A miséria do mundo*. 5<sup>a</sup>. ed. Petrópolis: Vozes, (pp. 167-175).

Wacquant, L. J. D. (2005). *Os condenados da cidade: estudos sobre marginalidade avançada*. 2<sup>a</sup>. ed. Rio de Janeiro: Revan; Fase.

#### ENTREVISTA:

Peregrino da Trindade, H. (2013). Monge católico, Água de Meninos, Salvador, Bahia, entrevista concedida a Patrícia Galvão e Marieze Torres, em 01/07/2013.